
As mulheres na Revista do Rádio entre 1948 e 1950: a presença feminina no auge da Era de Ouro¹

Valci Regina Mousquer ZUCULOTO²

Raphaella Xavier de Oliveira FERRO³

Danielly Cardoso ALVES⁴

Pedro Guerrazzi de SOUZA⁵

Lara Roberta Apolinário e SILVA⁶

Érica Maria ZUCCHI⁷

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

As mulheres também constituem a história do rádio brasileiro, mas foram ou ainda são apagadas ou invisibilizadas. Para contribuir com a necessária revisão do relato histórico da construção da radiofonia nacional, incluindo a categoria gênero, propõem-se uma pesquisa para evidenciar quais e de que maneira as mulheres estão presentes na Revista do Rádio, publicação impressa sobre o meio que circulou de 1948 a 1970. Este artigo expõe resultados e reflexões preliminares com foco nas edições publicadas desde seu lançamento em 1948 até 1950, totalizando 68. Como estratégias metodológicas, recorreremos à análise documental e aportes da história da comunicação. Entre principais observações iniciais, evidenciou-se que a Revista noticia as mulheres principalmente ligadas ao rádio espetáculo, sobretudo com objetificação, preconceito e machismo.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Mulheres; Revista do Rádio; História do Rádio no Brasil.

A presença e participação efetiva das mulheres no desenvolvimento do rádio brasileiro em suas diferentes épocas é inegável (BETTI, 2021). Contudo, como explicam Valci Zuculoto, Juliana Gobbi Betti e Karina Woehl Farias (2022), as mulheres permanecem à margem do relato histórico referente à área, o que gera sensação de ausência ou de participação não significativa ao todo. Por isso, ainda hoje

¹ Trabalho apresentado no GP de Rádio e Mídia Sonora, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo na UFSC. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutora pela ECO-UFRJ. Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: valzuculoto@hotmail.com.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (Bolsista Capes). Mestra em Comunicação pela UFG, integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: raphaelaferro@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: daniellycardoso.alv@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação, 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: pedroguerrazzi@gmail.com.

⁶ Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, membro do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: lararobertaapolinario@gmail.com.

⁷ Estudante de Graduação, 2º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq), email: ericamariazucchi@gmail.com.

se faz necessário esforço maior de pesquisa para detalhar como essa atuação se deu historicamente. Conforme indicam Juliana Gobbi Betti e Valci Zuculoto (2021), persiste um cenário de ausência feminina no conhecimento produzido sobre a história do rádio no Brasil, mesmo que já se perceba avanço recente.

As mulheres participaram do desenvolvimento do rádio brasileiro desde a formação das primeiras emissoras. No entanto, pouco sabemos sobre como se deu tal participação, menos ainda sobre as contribuições femininas para a popularização ou para os processos de inovação que possibilitaram a constante renovação da relevância política e social do meio. (BETTI; ZUCULOTO, 2021, p. 1)

Esse apagamento, que podemos denominar também por memoricídio⁸ (DUARTE, 2023), não é exclusivo da pesquisa sobre rádio. Ele se faz presente em diversas áreas, como analisam Juliana Gobbi Betti e Valci Zuculoto (2021). As autoras argumentam que o sujeito masculino foi considerado universal por muito tempo, tendo sua experiência identificada como coletiva (BETTI; ZUCULOTO, 2021) e alijando as vivências e conquistas de mulheres do relato histórico. Segundo Rovai (2017, p. 7), “as mulheres nunca estiveram ausentes da história nem excluídas dela. Estiveram e estão, pelo contrário, presentes em eventos, atuando, selecionando e reinventando suas histórias, mesmo quando invisíveis; mesmo quando não reconhecidas como sujeitos de si”. Por isso, faz-se necessário o esforço de pesquisa para a publicização dos feitos históricos femininos, em todas as áreas, inclusive no rádio.

Juliana Gobbi Betti (2021, p. 61) reforça que há “uma recorrente ausência que, ao longo dos anos, vem suscitando um processo de apagamento das contribuições e das figuras femininas que fizeram parte da história da radiofonia”, o que impacta diretamente no entendimento sobre o rádio em si. Nesse sentido, Juliana Gobbi Betti e Valci Zuculoto (2021) entendem que incluir as figuras femininas no relato histórico da trajetória do rádio no Brasil e reconhecer as contribuições de mulheres para o desenvolvimento radiofônico são ações que têm a capacidade de promover também uma maior compreensão da relevância social do meio.

Neste exercício de interpretar o rádio contemporâneo e discutir suas demarcações conceituais, a posição dos autores distingue o contexto

⁸ De acordo com Constância Lima Duarte (2023), memoricídio feminino diz respeito ao processo de opressão e negação da participação das mulheres ao longo da história.

como elemento essencial para a análise, indicando que a compreensão do meio também demanda um olhar atento para a sociedade na qual ele está inserido. Reconhecemos que, de modo geral, tal premissa sempre regeu a produção científica brasileira sobre o rádio, especialmente no âmbito da pesquisa histórica, favorecendo que as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais do rádio pudessem ser contempladas. No entanto, igualmente observamos que na delimitação dessas abordagens os estudos pouco avançaram no debate daquilo que se refere às relações de gênero que se estruturam nessas dimensões ou a partir delas. (ZUCULOTO; BETTI; FARIAS, 2022, p. 2-3)

Compreender o gênero como um dos marcadores centrais na organização social, admitindo-o como categoria de análise, assim como orientam as autoras (ZUCULOTO; BETTI; FARIAS, 2022), tem efeito imediato no conhecimento produzido a respeito do rádio, permitindo o aprofundamento da reflexão em todas as esferas do campo. A partir desse contexto, desenvolve-se esta pesquisa para investigar quais são e de que maneira as mulheres estão presentes na Revista do Rádio, publicação impressa sobre o meio que circulou de 1948 a 1970. Especificamente para o presente trabalho, trazemos reflexões preliminares da primeira fase da pesquisa, com recorte temporal nas edições de 1948 a 1950, no auge da Era de Ouro do meio no País.

A Era de Ouro, de acordo com Gisela Ortriwano (1985) e Valci Zuculoto (2012), é o termo pelo qual ficou conhecida a segunda fase da história do rádio brasileiro. A primeira época, conforme Valci Zuculoto (2012), refere-se ao Rádio Pioneiro e abrange o período que vai do advento do meio, no início dos anos 1920, até meados da década de 1930. A segunda fase, esta considerada a de Ouro, teve início por volta de 1935, no período de consolidação do rádio no Brasil, e se prolongou até cerca de 1955, quando a televisão começou a ocupar espaço nas casas da população brasileira.

Inicia-se por volta de 1935 e se encerra em torno de 1955, com o desenvolvimento da televisão no Brasil. Esta fase inclui a chamada “Época de Ouro” do rádio brasileiro, que atinge seu apogeu no final dos anos 40 e na década de 50. É quando o rádio informativo e, conseqüentemente, a notícia realmente se implantam e passam a se desenvolver utilizando características e recursos do veículo mais adequados à transmissão de informações jornalísticas, entre os quais a rapidez e o imediatismo. De início, isto ainda acontece num segundo plano, pois o predomínio, nesta época, é de uma verdadeira “era do rádio espetáculo”, com os programas de auditório, os musicais, as radionovelas, num padrão de radiofonia “broadcast” ao estilo norte-americano. (ZUCULOTO, 2012, p. 28-29)

Em consonância ao crescimento da radiofonia no país, foi lançada em 1948 uma publicação impressa que tinha o meio como foco: a Revista do Rádio. Segundo Doris Haussen e Camila Bacchi (2001), a publicação, de propriedade de Anselmo Domingos, circulou até o final dos anos 1960, quando se transformou na Revista Rádio e TV, abordando também a outra - à época, nova - mídia. “A *Revista do Rádio* foi, assim, a primeira publicação especializada sobre este veículo. No início era mensal, mas, em menos de um ano, começou a circular semanalmente, tirando em média, 50 mil exemplares” (HAUSSEN; BACCHI, 2001, p. 2). As autoras indicam que o periódico tinha, normalmente, 50 páginas e capa com fotografias de artistas de rádio, principalmente mulheres (HAUSSEN; BACCHI, 2001).

A Revista do Rádio, que depois passou a Revista Rádio e TV, circulou de 1948 a 1970 e teve sucesso à época por oferecer informação e interação das emissoras radiofônicas com seus públicos, tornando-se, assim, importante para a ampliação e a fidelização de audiência. Seu acervo está disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁹, em que se encontram 1.073 edições, e é a partir dele que se desenvolve esta investigação que emprega a análise documental como método e técnica (MOREIRA, 2015). De acordo com Sonia Virgínia Moreira (2015, p. 270), esse tipo de método/técnica “costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação” tendo como fontes mais comuns os acervos de impressos.

Consideramos também etapas metodológicas da análise documental apontadas por André Cellard (2008). Afinal, conforme o autor, “a história social modificou essa abordagem e, doravante, procede-se preferencialmente pela desconstrução e reconstrução de dados” (CELLARD, 2008, p. 304). Por isso, no caso deste trabalho, a pesquisa levou em conta, dentro da fase de análise preliminar, principalmente etapas do “exame do contexto social global no qual foi produzido o documento e no qual mergulhava seu autor e aqueles a quem ele foi destinado”, da natureza, autenticidade, confiabilidade, conceitos e lógica interna do texto da revista e também de quem o elaborou (CELLARD, 2008, p. 299-303).

Para esta primeira fase do nosso estudo completo, e aqui apresentada neste trabalho ainda em resultados iniciais, definimos o recorte entre 1948 e 1950 justamente porque engloba o período considerado de apogeu da chamada Era de Ouro do Rádio

⁹ Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>. Acesso em: 04 jul. 2023.

(ZUCULOTO, 2012). A intenção é fazer o levantamento completo na continuidade da pesquisa, abarcando todas as edições da Revista, que circulou de 1948 a 1970, com o intuito de identificar profissionais mulheres que atuaram no rádio, mas não estão presentes ou são apresentadas sem o devido protagonismo em sua historiografia. Também se pretende compreender como elas eram representadas e quais os sentidos eram acionados quando reportadas informações sobre essas mulheres.

Nesse primeiro momento, portanto, a análise abrange 68 revistas (10 edições de 1948, 12 de 1949 e 46 de 1950), em que se busca identificar todas as mulheres que aparecem de alguma forma (em texto e imagem) nas edições do periódico, independente de desempenharem ou não funções na radiofonia. Assim, na coleta de dados realizada nessa etapa inicial, em cada uma das 68 edições, o levantamento verificou se a Revista apresenta matéria ou nota sobre alguma mulher, quem é ela, se aparece na capa da publicação ou apenas em texto interno, com foto ou sem imagem. Ainda estamos em fase de tabulação dos dados coletados, mas realizando alguns destaques e observações gerais. Até o fechamento deste artigo já foi possível identificar que as mulheres aparecem na totalidade das 68 edições publicadas entre 1948 e 1950.

Mulheres para entreter

Inicialmente é possível inferir, nesta observação preliminar, que, em geral e na maioria, as referências que aparecem na Revista do Rádio, nas edições analisadas, são as mulheres que estão em funções relativas ao universo do entretenimento, como cantoras e atrizes, do próprio rádio ou do cinema. Trata-se de algo que se justifica pelo fato de o rádio ser mais voltado ao espetáculo nessa época, como afirma Valci Zuculoto (2012). Mesmo que o jornalismo tenha começado a ocupar espaços importantes na radiofonia brasileira a partir da década de 1940, ele se torna central no meio somente após o surgimento da televisão e a necessidade de readequação do rádio.

Segundo Luiz Artur Ferraretto (2001, p. 41), “na década de 1950, um novo caminho começa a se estruturar, baseado no jornalismo, no esporte e no serviço à população, consolidando-se nos anos 60 e 70”. Contudo, a representação quase nula de mulheres jornalistas no meio radiofônico também se dá pela inexistência delas atuando nos microfones dos programas jornalísticos da época - o que tem influência ainda hoje no radiojornalismo brasileiro (FERRO; GOMES; ZUCULOTO, 2023). Conforme explicam Valci Zuculoto e Ediane Mattos (2017, p. 8), “quando a mulher passou a fazer

parte das equipes de rádio suas funções eram restritas à ‘cozinha’ da rádio, como são chamados os espaços e funções do jornalismo que, no caso do radiofônico, são as que não vão ao microfone”.

As mulheres também aparecem em matérias ou notas das edições da Revista do Rádio, entre 1948 e 1950, como as esposas de profissionais masculinos reportados ou, quando são o foco das matérias, notas e fotos, em vez de suas atuações, trajetórias de trabalho são mais evidenciados aspectos de suas vidas pessoais. Os textos não estão ligados propriamente ao profissional e destacam, na maior parte de vezes, banalidades, situações do cotidiano e vaidades. Por exemplo, a edição 4 de 1948 traz uma entrevista com a locutora paulista Sagramor de Scuvero, que além de São Paulo, onde iniciou sua carreira, trabalhou ainda no Rio de Janeiro, na Rádio Globo. Na época desta edição em que aparece, Sagramor era também vereadora no Rio e as fotos que ilustram a matéria a exibem com seus animais de estimação – cachorros e gatos – e escovando os cabelos em frente a um espelho. Na legenda desta foto, “mulher, não dispensa o espelho”.

Na mesma edição, a cantora Ademilde da Fonseca é identificada pela Revista como a “cantora morena das emissoras associadas”. A matéria não é a única em que é possível perceber a organização do aspecto social a partir a violência de gênero sistematicamente racializada, como discute María Lugones (2020). Marcas da intersecção de preconceitos de gênero e raça também podem ser percebidas, por exemplo, na nota intitulada “A mulata é a tal...”, igualmente da edição 4, de 1948. O texto informa que “o elemento mestiço vem-se destacando sobremaneira” e, referindo-se à foto de três mulheres que ilustra a nota (identificadas como Zilda, a companheira de dupla do Zé; Carmen Costa e Horacina Corrêa), acrescenta que “podemos ver três das “tais”, donas de inegável prestígio entre os rádio-escutas”.

Indicações semelhantes podem ser percebidas na matéria “Pandemônio do Ritmo”, publicada na edição 39, de 1950, que aborda a descoberta da “estrela negra” identificada apenas como Floricéa. Bailarina e cantora, o texto destaca, na verdade, como a artista foi descoberta por um homem, nomeado por Henricão, e que ela tem “corpo esbelto e voz bonita”. A objetificação da mulher negra, mesmo esta figurando em bem menor número nas matérias analisadas, também está presente no relato de episódio da carreira de Odete Amaral em uma matéria sobre fatos pitorescos da vida dos artistas publicada na página 14 da edição 58 da Revista do Rádio, em 1950:

Odete Amaral, lançada pela Rádio Guanabara, subia vertiginosamente ao estrelato. Era uma atração novinha em folha. E quando Cristovão a anunciou ao público, fez-se um silêncio de morte. Tudo era expectativa. À sua entrada, correu um “frisson” pela platéia. Novo silêncio. Embasbacamento. Côr de canela, brotinho ainda em formação, brasileiríssima em seu todo de morena faceira, Odete era uma provocação ao mais pacato dos homens, realçada como estava pela luz da ribalta. E foi nesse êxtase coletivo, que um cara da torrinha gritou num desabafo: - “Odete, minha nêga, com a fome que eu tô!” (FATOS PITORESCOS, 1950, p. 15)

Na mesma matéria há uma referência à “misteriosa atração pelas cabrochas”, referindo-se a figuras femininas, que tinha o compositor Antonio Nássara. Por mais que o preconceito atinja todas as mulheres, como perceptível na continuidade da mesma matéria, é importante sempre considerar que, como explica Sueli Carneiro (2011, p. 121), “há uma dimensão racial na temática de gênero que estabelece privilégios e desvantagens entre as mulheres”. Nessa dimensão, Cristina Ferreira e Júlia Campos (2023, p. 178) consideram “a associação entre mulheres negras e sensualidade como uma das características pejorativas relacionadas, principalmente, à figura da “mulata” e sua ancestralidade africana”. Uma imagem, de acordo com as autoras, que tem origem desde o período escravista brasileiro (FERREIRA; CAMPOS, 2023).

Entre julgamentos

A crítica aos comportamentos das mulheres citadas, sejam eles quais forem, é recorrente nas edições analisadas da Revista do Rádio. Em reportagem da edição 17, de 1949, sobre “Os grandes salários do Rádio”, a cantora e atriz Araci de Almeida é criticada por supostamente ser bem paga sem fazer jus ao soldo recebido. Diz a matéria: “Araci de Almeida faz 20 mil cruzeiros por mês sem muita força, cantando o samba sem requebrar. Se requebrasse...” (AVELAR, 1949, p. 23). As indicações sobre o corpo, à “plástica”, como se referem à estética, entre outras formas de sexualização também são recorrentes. A atriz e cantora Elvira Pagã, por exemplo, sempre que aparece em notas e matérias tem seus atributos físicos ressaltados de forma machista, que se excedem mesmo compreendendo o *status* de símbolo sexual que a artista tinha à época.

Em vários exemplos, a sexualização aparenta fazer parte da linha editorial do veículo analisado, pelo menos no período em questão neste artigo (1948-1950). Na edição 58, de 1950, na entrevista em formato pingue-pongue que tem o título “Lídia

Bastiani e... um corpo infernal!”, a cantora e bailarina que é foco da matéria aparece em fotos em que está de biquini e sapatos de salto bem alto, ao lado de veículos automotores. Há grande quantidade de referências a sua forma física: “uma plástica capaz de mexer com os nervos de qualquer um”; “linha impecável”; “querida loira”; “Venus de mármore”; “escultural corpo”; “garota de formas assombrosas” (BRAGA, 1950, p. 20-21). A matéria é assinada por uma mulher, Lynéa Braga, que também é a repórter responsável por “Elvira Pagã tirou a roupa no teatro”, da edição 44, de 1950. Esta reportagem também conta com fotos da artista em destaque de biquini. Na edição 50, do mesmo ano, há uma matéria só com imagens das bocas de 12 cantoras e atrizes com legendas sexualizadas.

Há nas edições analisadas do periódico em questão a recorrência de conteúdos que se aproximam de uma perspectiva de colunismo social, inclusive, como gênero de fofoca (SILVA, 2010), com prevalência de temas relativos aos relacionamentos afetivo-sexuais das profissionais abordadas nas matérias da revista, que passam a figurar entre olímpianos (MORIN, 1997). “A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação” (MORIN, 1997, p. 106-107). Também foi observada a repetição de elementos publicitários de teor machista, que partem da objetificação de mulheres em seu conteúdo explícito ou subliminar.

Os julgamentos também estão nos anúncios. As mulheres estampam espaços de publicidade da Revista, como a charge, na edição 17, de 1949, que retrata uma mulher com corações desenhados acima da cabeça, ouvindo uma radionovela. A legenda diz: “A fã ouvindo novela: Ai, ai! Ele deve ser jovem, bonito... um grapete!”, referindo-se ao personagem da produção novelística. Nesses espaços, novamente aparece o apelo sexual a partir da perspectiva do desejo masculino. Em muitas das edições analisadas, há o anúncio de um produto chamado Pasta Russa, sob o título “O primeiro olhar é para o busto” e com uma imagem desenhada da parte superior de uma mulher sem roupas. A oferta se refere à promessa do produto de corrigir a flacidez dos seios femininos.

Profissionais?

Além desse constante apelo erótico e das funções das radialistas representadas nas edições da Revista do Rádio entre 1948 e 1950, também é possível identificar que enquanto as matérias sobre homens destacam as habilidades dos profissionais, aquelas

que são sobre mulheres as definem como encantadoras ou arrogantes, apontando como raro uma cantora que “tem personalidade” (ROCHA FILHO, 1948), por exemplo. São perceptíveis indicativos que reforçam um modelo social que define o que é feminino e que partem de uma perspectiva de feminilidade (BEAUVOIR, 2016) que limitam os espaços em que as mulheres podem e são condicionadas a figurar a partir de *scripts* culturais (ZANELLO, 2018).

Esses *scripts*, conforme Valeska Zanello (2018, p. 46), são mantidos por práticas sociais que indicam como o indivíduo deve “agir, pensar, sentir, se locomover etc. para ser considerado como ‘verdadeiramente’ uma mulher ou um homem”. As revistas são um dos elementos apontados pela autora como tecnologias de gênero, que contribuem não só para representar esses valores, mas também para criá-los e reafirmá-los (ZANELLO, 2018). A ideia remete ao trabalho de Teresa de Laurentis (2019), que entende o gênero como uma representação que é estática. “A construção de gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados”, afirma a autora (LAURENTIS, 2019, p. 124). Ela ocorre a partir de onde se espera, como é o caso midiático, mas também de forma não tão óbvia, como na comunidade acadêmica, por exemplo (LAURENTIS, 2019).

De forma simplificada, é possível perceber esse mecanismo nas notícias, dentre as analisadas, que efetivamente destacam a questão profissional: o maior número de reportados são homens. Uma premiação da época para melhores do rádio expressa bem o contexto profissional do meio de então, evidenciando a prevalência masculina. Uma matéria sobre a premiação, na edição 66, do ano 1950, informa que incluía cerca de trinta categorias. Destas, verificou-se que a maior parte era destinada aos homens e várias exclusivamente a eles. Eram atribuídos prêmios para:

- o melhor locutor,
- o melhor locutor esportivo,
- o melhor animador,
- o melhor comentarista esportivo,
- o melhor comentarista político,
- o melhor repórter,
- o melhor redator humorístico,
- o melhor conjunto vocal,
- o melhor conjunto regional,

-
- o melhor sincronizador,
 - o melhor programador,
 - a melhor revelação masculina,
 - o melhor redator dramático,
 - o melhor redator de novelas,
 - o melhor cantor de músicas populares,
 - o melhor cantor de música fina,
 - o melhor cantor de música internacional,
 - o melhor maestro,
 - o melhor diretor de orquestra,
 - o melhor humorista,
 - o melhor intérprete cômico,
 - o melhor intérprete dramático,
 - o melhor intérprete de novela.

Para as mulheres profissionais do rádio, apenas nove categorias eram conferidas:

- a melhor locutora,
- a melhor redatora,
- a melhor cantora de música popular,
- a melhor cantora de música fina,
- a melhor cantora de música internacional,
- a melhor intérprete cômica,
- a melhor intérprete dramática,
- a melhor intérprete de novela,
- a melhor revelação feminina.

Como se pode observar, as mulheres só eram premiadas em algumas funções do rádio espetáculo. O reconhecimento profissional pela atuação nas áreas do jornalismo, especialmente o esportivo, na produção propriamente dita e outras da programação radiofônica ficavam reservadas somente aos homens. Mesmo o júri, pelo menos naquela edição do prêmio noticiada pela Revista, tinha uma composição exclusivamente masculina. Um sintoma de uma sociedade e de um contexto que se esforçava para manter as mulheres com pouca visibilidade, limitadas aos *scripts* culturais (ZANELLO, 2018). Reforça-se, em paralelo, a constatação de que, como afirmam Raphaela Ferro,

Juliana Gomes e Valci Zuculoto (2023, p. 13), “os grandes produtos jornalísticos da história do rádio se construíram com total ausência de vozes femininas ou com participações figurativas e, ainda hoje, pouco se questiona a respeito”. Mas não só os jornalísticos.

Considerações

Neste artigo, apresentamos as primeiras reflexões da etapa inicial da pesquisa sobre a presença das mulheres na Revista do Rádio. Nesta fase, o recorte temporal englobou as 68 edições de 1948 a 1950, por abarcar o período da Era de Ouro do meio. Mesmo os dados coletados nesta etapa ainda merecem ampliação e aprofundamento de observações e análises. E após completá-las, é nossa proposição também dar continuidade ao estudo, estendendo a pesquisa até 1970. Pretendemos pesquisar o conjunto das 1.073 edições do período total de circulação do periódico, que vai de 1948 a 1970, e se encontram disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Desta forma, a investigação ainda será ampliada de forma a possibilitar inferências e definições sobre quais e de que maneira as mulheres estão presentes na Revista do Rádio, considerando a importância de novas elaborações que insiram as personalidades femininas no registro da história do rádio brasileiro. Assim como propõem Juliana Gobbi Betti e Valci Zuculoto (2021), adotar a categoria gênero nas investigações sobre a radiofonia brasileira é necessário para o reconhecimento das contribuições de mulheres na trajetória do rádio no Brasil e para que sejam possíveis novas descobertas a respeito do protagonismo feminino em diferentes áreas desse campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Orlando. Os grandes salários do rádio: Os artistas alegam: “ganha-se muito, mas gasta-se mais” – as injustiças – felizes são os que entraram para o rádio. **Revista do Rádio**. Rio de Janeiro, 1º jul. 1949. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/144428/728>. Acesso em: 16 ago. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. 2021. Tese (Doutorado

em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021. 291 p.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil: uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021, Remoto. **Anais eletrônicos [...]**. Juiz de Fora: Alcar, 2021. v. 1, p. 1-12. Disponível em: https://x80071.a2cdn1.secureserver.net/wp-content/uploads/2021/08/30_gt_historiadamidiasonora.pdf. Acesso em: 01 abr. 2023.

BRAGA, Lynéa. Lidia Bastiani e... Um corpo infernal! A estrela da Nacional na “Festa da Mocidade” – Uma plástica capaz de mexer com os nervos de qualquer um.... **Revista do Rádio**. Rio de Janeiro, 17 out. 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/144428/2740>. Acesso em: 16 ago. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

DUARTE, Constância Lima. Apresentação. Na contramão do memoricídio. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Memorial do memoricídio: escritoras esquecidas pela história**. Volume 1. Livro eletrônico. Belo Horizonte: Editora Luas, 2023

FATOS PITORESCOS da vida dos artistas: A égua decepcionou Francisco Alves – Odete Amaral era um brotinho – O fraco de Nássara e o chapéu de Arací. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 17 out. 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/144428/2752>. Acesso em: 16 ago. 2023.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, Cristina; CAMPOS, Julia. Mulheres espetaculares: gênero, cor e classe nas revistas "O Cruzeiro" e "Manchete" (1950-1959). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 172–196, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/16740>. Acesso em: 16 ago. 2023.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A voz como marcador de exclusão de gênero no radiojornalismo brasileiro. In: Encontro Anual da Compós, 32, 2023. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-voz-como-marcador-de-exclusao-de-genero-no-radiojornalismo-brasileiro?lang=pt-br>. Acesso em: 09 jul. 2023.

HAUSSEN, Doris Fagundes; BACCHI, Camila Stefenon. A Revista do Rádio através de seus editoriais (década de 1950). In: Congresso Brasileiro da Comunicação, 24, 2001, Mato Grosso do Sul. **Anais eletrônicos [...]**. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 1-10. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6HAUSSEN.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2023.

LAURENTIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica [p. 269-279] In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 8. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 4.ed. São Paulo: Summus, 1985.

ROCHA FILHO. Rádio-biografia: Dirce Batista. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, Ano 1, nº 1, p. 3, fev. 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1948_00001.pdf. Acesso em: 09 jul. 2023.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História oral e história das mulheres: rompendo silêncios**. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

SILVA, Paula Francinetti. **A coluna social como gênero de fofoca**. 2010. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Literatura da Universidade de Brasília. Brasília, 2010. 166 p.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; BETTI, Juliana Gobbi; FARIAS, Karina Woehl de. **Desafios epistemológicos da perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos**. In: XVI Congresso ALAIC 2022, 2022, Buenos Aires - Argentina. XVI Congresso ALAIC 2022, 2022.

ZUCULOTO, V. R. M.; MATTOS, E. T. As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 11º, 2017, São Paulo. Anais... São Paulo, Alcar, p. 1-14, 2017.